



Universidade Federal da Paraíba
Unidade de Educação à Distância - UEaD/UEPB
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
Curso de Letras Português



ISABELLE MENDES LEITE MORAIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA APLICAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

TAPEROÁ-PB
NOVEMBRO/2021

ISABELLE MENDES LEITE MORAIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA APLICAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal da Paraíba como requisito
básico para a conclusão do curso de Licenciatura
em Letras-Português.
Orientador: Prof. Dr. Cirineu Cecote Stein.

TAPEROÁ-PB
NOVEMBRO/2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M827v Morais, Isabelle Mendes Leite.

Variação linguística e sua aplicação em livros didáticos de língua portuguesa / Isabelle Mendes Leite Morais. - João Pessoa, 2021.

32 f. : il.

Orientação: Cirineu Cecote Stein.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Variação linguística. 2. Livros didáticos. 3. Parâmetros Curriculares Nacionais. I. Stein, Cirineu Cecote. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81

ISABELLE MENDES LEITE MORAIS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUA APLICAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português - Modalidade à Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: __/__/____

Banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Cirineu Cecote Stein

Examinadora:

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis

Examinador:

Prof. Ms. Fernando Alves de Oliveira

Examinadora Suplente:

Profa. Dra. Raquel Basílio da Cunha Dias de Melo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me acompanhar nesta jornada tão importante em minha vida, sem Ele nada disso seria possível.

A toda minha família, por me apoiar em todas as minhas escolhas, me incentivando com todo o amor do mundo e me dando forças para seguir em frente nos momentos em que mais precisei. Gostaria de agradecer em especial a minha mãe Maria do Socorro Mendes Leite por nunca ter soltado a minha mão e sempre me encorajar a ser mais forte diante de qualquer desafio.

Ao meu padrasto Aercio Vilar de Carvalho e minhas irmãs Leilane Mendes Vilar e Liliane Mendes Vilar, por sempre me motivarem a estudar e realizar meus sonhos. Aos meus amigos, Jacy Maria da Silva Neta e Francimarcos Correia, por me ouvirem nos momentos mais difíceis durante o curso.

A minha amiga de infância Gabriela Noêmia Bezerra de Assis Cavalcanti pela compaixão de se disponibilizar e tanto me ajudar na construção deste trabalho, sem sua ajuda e suas palavras de conforto eu jamais teria conseguido.

A todos os meus professores, que contribuíram imensamente para a minha formação escolar e acadêmica, por toda dedicação, orientação e afeto durante essa caminhada. Em especial ao meu professor orientador Dr. Cirineu Cecote Stein, que muito admiro pelo profissional que é.

A todos os meus queridos alunos que comprovam diariamente o quanto sou grata e realizada pela profissão que escolhi. Por fim, a todos os colegas de curso que compartilharam maravilhosas experiências comigo.

À UFPB por possibilitar minha graduação com qualidade, essa enorme contribuição jamais será esquecida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. UMA INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO DA LÍNGUA: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	10
3. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	12
4. OS PLANOS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS) E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: QUAL A ABORDAGEM UTILIZADA?	14
5. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: IMPORTÂNCIA PARA A REPRESENTATIVIDADE E INTERAÇÃO	16
6. METODOLOGIA	18
7. ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
7.1 Livro didático “Português: linguagens”, de Cereja e Magalhães	19
7.2 Livro didático “Se liga na Língua”, de Ormundo e Siniscalchi	24
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exercício 1 sobre variedade linguística(LD 2012)	20
Figura 2 - Exercício 2 sobre variedade linguística (LD 2012)	22
Figura 3 - Exercício 1 sobre variação linguística (LD 2018)	25
Figura 4 - Exercício 2 sobre variação linguística (LD 2018)	26

RESUMO

O presente trabalho pretendeu apresentar como a temática variação linguística é abordada nos livros didáticos de Língua Portuguesa, em especial nas obras “Português Linguagens”, de Cereja e Magalhães (2012) e “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2018), ambas utilizadas no 6º Ano do Ensino Fundamental II. Em linhas gerais, o problema apresentado por esta pesquisa reside na demarcação do ensino de Língua Portuguesa de acordo com aulas da gramática normativa, baseado na dicotomia entre o "certo" e o "errado". Nesse sentido, este estudo nasceu com o objetivo de explicar a importância do tema variação linguística no âmbito dos livros didáticos. Deste modo, conforme definem Marconi e Lakatos (2003), utilizamos a técnica de abordagem da pesquisa quantitativa na revisão bibliográfica, bem como empregamos a abordagem qualitativa, considerando que foi realizada uma interpretação a partir dos exercícios e imagens selecionados dos livros didáticos escolhidos. Neste viés, o trabalho foi estruturado em três momentos. Inicialmente, utilizamos os aportes teóricos de Coelho (2007), Labov (1972) e Bortoni-Ricardo (2005), para discutir o conceito de variação linguística. Em seguida, realizamos uma análise das propostas sobre variação linguística dispostas nos Planos Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa disponibilizados pelo Ministério da Educação (1997). Por fim, observamos como a variação linguística se materializa nos livros didáticos selecionados, por meio dos exercícios e textos presentes nas obras. Concluímos que a variação linguística é apresentada de maneira insatisfatória nos livros didáticos, em especial na edição mais recente.

Palavras-chave: Variação linguística; livros didáticos; Parâmetros Curriculares Nacionais.

ABSTRACT

This work intended to present how the thematic linguistic variation is approached in Portuguese language textbooks, in particular in the works "Português Linguagens", by Cereja and Magalhães (2012) and " Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem" , by Ormundo and Siniscalchi (2018), both used in the 6th year of Elementary School II. In general terms, the problem presented by this research resides in the demarcation of Portuguese Language teaching according to normative grammar classes, based on the dichotomy between "right" and "wrong". In this sense, this study was born with the aim of explaining the importance of the linguistic variation theme in the context of textbooks. Thus, as defined by Marconi and Lakatos (2003), we used the technique of approaching quantitative research in the literature review, as well as using the qualitative approach, considering that an interpretation was carried out based on exercises and images selected from the chosen textbooks. In this bias, the work was structured in three moments. Initially, we used the theoretical contributions of Coelho (2007), Labov (1972) and Bortoni-Ricardo (2005), to discuss the concept of linguistic variation. Then, we carried out an analysis of the proposals on linguistic variation arranged in the National Curriculum Plans (PCNs) of Portuguese Language made available by the Ministry of Education (1997). Finally, we observe how linguistic variation materializes in the selected textbooks, through the exercises and texts present in the works. We conclude that linguistic variation is poorly presented in textbooks, especially in the most recent edition.

Keywords: Linguistic variation; didactic books; National Curriculum Parameters.

1. INTRODUÇÃO

A variação linguística consiste em um fenômeno que comprova a existência dos diversos falares. Isso ocorre por questões sociais, regionais, históricas, etárias, profissionais, grau de letramento, enfim, aspectos que corroboram para a multiplicação dos diversos modos de se falar uma palavra.

Toda e qualquer língua humana apresenta variação, e o reconhecimento da variedade linguística obriga a quem vai ensinar ter uma visão mais honesta da língua, visto que ela não é um mero bloco fechado da norma padrão tradicional, muito menos a escrita literária do passado. A língua é uma colcha de retalhos e quanto mais levarmos para a sala de aula essa multiplicidade, melhor.

Há alguns anos no Brasil, conforme nos lembra Coelho (2007, p. 1), “a variação linguística não existia como objeto de ensino para a maioria dos professores de português”, uma realidade ainda coexistente no cenário educacional de nosso país.

Hoje em dia, nosso país é um dos maiores compradores de livros didáticos do mundo¹. Desse modo, é de grande importância que esses livros passem por um processo de avaliação séria e profissional como já vem sendo feito há anos por pessoas altamente competentes, fazendo com que os livros contribuam para a elevação da educação brasileira.

No caso específico de Língua Portuguesa, são livros que buscam estar sintonizados com o que existe de mais avançado em termos de práticas de leitura, ensino de leitura, ensino de produção textual. No entanto, esses mesmos livros são consideravelmente vagos no tocante ao estudo das variações linguísticas.

Deste modo, vislumbramos o problema deste estudo: os professores ainda demarcam o ensino de Língua Portuguesa de acordo com aulas da gramática normativa, cuja função é corrigir o português considerado “errado”, ensinando nomenclatura gramatical e análise gramatical, sem contextualização e utilidade prática. Assim sendo, a justificativa deste trabalho reside em explicar a importância de trabalhar o tema variação linguística no âmbito dos livros didáticos.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a variação faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que esses grupos

¹ “Apesar de números pouco otimistas, o Brasil é o 9º maior mercado de livros do mundo. A explicação vem na ponta da língua: ‘O Brasil é o 9º por causa dos livros didáticos. O Governo Federal compra livros e os distribui em escolas públicas e para seus estudantes’, explica Zoara Failla. Se retirarmos o governo brasileiro, os números já não ficam tão expressivos. Muito pelo contrário” (grifo nosso) (REDE GLOBO, 2013 [on-line]).

mantêm com as normas linguísticas. Nesse sentido, é fundamental que a escola e os professores, com o auxílio do livro didático, evidenciem as variedades linguísticas no ensino da Língua Portuguesa e indiquem ao aluno a importância desse reconhecimento, tendo em vista que os indivíduos possuem particularidades no uso da língua, a depender da situação, dos interlocutores e quais as suas intenções.

Desta maneira, este trabalho pretende ser útil como uma análise de variação linguística no âmbito dos livros didáticos. Será desenvolvida uma discussão apropriada sobre o tema, na tentativa de buscar melhorias para a elaboração de livros didáticos baseados em estudos da heterogeneidade linguística, fundamentados pela Sociolinguística.

A partir da realidade discutida até agora, iremos analisar o tratamento da variação linguística em exercícios e textos selecionados nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º Ano Fundamental, através de uma análise aprofundada sobre questões sociolinguísticas dentro do âmbito educacional, entre outras palavras, o momento em que aluno e professor estão diante da dicotomia “certo” e “errado”, conforme a norma-padrão.

Nesse sentido, formulamos duas hipóteses: I) Os livros didáticos não discorrem satisfatoriamente sobre a temática da variação linguística; II) Os livros didáticos atuais abordam com mais complexidade o assunto quando comparados aos livros mais antigos. No decorrer do trabalho, iremos investigar se as hipóteses acima citadas serão confirmadas ou não.

2. UMA INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO DA LÍNGUA: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Como sabemos, a Língua Portuguesa passou por muitas alterações no decorrer do tempo. Sendo assim, significa dizer que a língua não é uma unidade homogênea.

Nesse sentido, a variação é fenômeno linguístico, significa a existência em uma mesma época, em um mesmo recorte temporal da língua, de formas diferentes de dizer a mesma coisa.

Desta maneira, ressaltamos que “apesar de existir na Língua Portuguesa uma norma padrão e culta, a variação sempre existiu, pois é característica das línguas humanas. A língua Portuguesa é uma unidade constituída de muitas variedades.” (Araújo, 2021,p.8). Assim sendo, entendemos que variedade é o modo particular de falar a língua de uma determinada região, de uma determinada classe social, de um determinado grupo social.

Diante disso temos as variedades regionais, variedades profissionais, variedades de faixas-etárias e variedades de grau de letramento. Por fim, é o conjunto de formas do uso da língua que caracterizam um determinado grupo social.

Desde a antiguidade, a linguagem e seus estudos despertam muito interesse na humanidade. A relação entre a imagem e as palavras que usamos para representá-las, seu surgimento, suas fórmulas e suas variações sempre foi objeto de discussão na sociedade.

Primeiramente, temos que considerar que a linguística enquanto ciência é possuidora de várias vertentes, ocorrendo uma pequena variação entre língua e linguagem de acordo com cada pensamento teórico. A linguagem é qualquer meio sistemático de comunicação, seja visual, sonoro ou gestual. A linguagem verbal é o instrumento do pensamento para a interação, é o ato de colocar nossos pensamentos e ideias através da escrita a fim de nos comunicarmos. Já a língua, que está dentro da linguagem, é um sistema convencional de signos que faz parte do sistema natural ao ser humano (SOBRAL, 2008).

Já diria Saussure que:

[...] sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é uma nebulosa ondenada está necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua (SAUSSURE, 1972, p. 131).

Conforme Maciel (2014), o termo variação linguística se aplica com recorrência desde os anos 60, quando surgiu a Sociolinguística variacionista nos Estados Unidos por meio de Labov.

A Sociolinguística surge a partir da necessidade de um estudo que relacionasse língua e sujeito. Os sociolinguistas destacam o papel do falante na fala, aspecto que na linguística estruturalista e gerativista era deixado de lado.

Nesse sentido, considerando que a sociolinguística evidencia o falante, o tema variação linguística é tratado como algo natural, como a individualidade de cada um, e não mais um mero binômio entre o “certo” e o “errado”. Neste viés, Bortoni-Ricardo afirma que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas

de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Desse modo, essa corrente tem como escopo apresentar os diferentes modos de fala, ressaltando o fenômeno como um conjunto de variedades em que cada ser, agrupamento e território possuem uma linguagem diferente para tratar de uma mesma língua. Partindo disso, desconstrói qualquer tipo de restrição, preconceito e discriminação acerca das variedades não-padrão.

Nesse esteio, citamos as palavras de Bagno:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma Culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto de do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico. (BAGNO, 1999, pp.9-10).

Vale salientar, contudo, que variações e mudanças na fala podem vir a estabilizar-se também na escrita, é o caso da norma padrão. A norma padrão é uma língua idealizada, estruturada de regras específicas, descritas nas gramáticas e dicionários, inspirado numa elite letrada conservadora. Porém, é apenas uma referência, já que diariamente, ninguém segue com tanto rigor todas as regras. Até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que são as variedades linguísticas utilizadas pelos falantes de maior prestígio social e cultural, optam por outras construções em situações não formais.

Após um panorama geral sobre a diversidade que diverge da norma padrão, é importante responder o questionamento: em que consiste a variação linguística? Vejamos no próximo tópico algumas discussões trazidas por importantes linguistas.

3. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Inicialmente, destacamos o linguista estadunidense Labov, responsável por trabalhos de grande importância na influência do desenvolvimento da Sociolinguística. Labov publicou vários estudos e foi o fundador da Teoria Variacionista, que foi

apresentada em 1968 juntamente com Weinreich e Herzog e, em síntese, tinha como objetivo expor o fenômeno da variação linguística. O linguista ressalta a necessidade de se olhar para a natureza da linguagem em seu quadro sociocultural para a compreensão das características sociais. Segundo o autor, “os procedimentos de descrição linguística são baseados na concepção de linguagem como um conjunto estruturado de normas sociais” (LABOV, 1972, p. 82).

No Brasil, a primeira nos estudos da variação com o ensino, a ponto de criar uma nova área, a Sociolinguística educacional, foi a professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, que foi pioneira no Brasil na tentativa de associar a Sociolinguística ao ensino de língua e por compreender que a língua é heterogênea no processo de interação social afirma que “os significados que alunos e professores atribuem à variação são múltiplos e precisam ser bem interpretados se quisermos desenvolver um estudo de Sociolinguística Educacional” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 133).

Lopes e Cavalcante (2018) relatam que:

A língua no processo interacional torna-se ampla nesse sentido porque as variações não serão as mesmas a depender da localidade e da região em que se encontra. É heterogênea na escola e nos papéis sociais fora das escolas, e fosse homogênea não existiria a variação linguística, todos falariam da mesma forma e isso é uma condição improvável (LOPES; CAVALCANTE, 2018, p. 94).

Um termo muito utilizado pelos sociolinguistas é a comunidade linguística, comunidade essa que não se limita a um espaço geográfico determinado. A comunidade linguística, conforme Labov (1972), não se define apenas como uma espécie de acordo no que diz respeito ao emprego dos elementos de uma língua, mas também o compartilhamento de um conjunto de normas em comum.

Portanto, toda variação linguística possui ligação a fatores linguísticos e sociais, quanto a fatores exteriores a ele.

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do porquê o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço...o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística... seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo. (LABOV, 1972, p. 47).

Para além do fator social destacado por Labov acima, as variações linguísticas são aspectos da língua que podem ser descritos através da variação conforme região, idade,

sexo, status social, etc. Diante disso, salientamos que a variação linguística consiste em uma das questões importantes e que merece notoriedade no âmbito na linguagem, estando sempre presente nas relações sociais em qualquer período por tratar-se de um aspecto constitutivo de línguas.

Levando em consideração o papel crucial que o sujeito desempenha na fala, a variação linguística trata diretamente da identidade social não apenas do falante, mas também do ouvinte e do contexto social em que estes estão inseridos.

Desta maneira, após abordarmos alguns aspectos introdutórios sobre o movimento da língua, é importante respondermos à seguinte questão: como a temática da variação linguística é abordada nos Planos Curriculares Nacionais? Vejamos no próximo tópico como esse fenômeno se encaixa nesses documentos norteadores.

4. OS PLANOS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS) E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: QUAL A ABORDAGEM UTILIZADA?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ou PCNs (BRASIL, 1998) consistem em diretrizes de observância não-obrigatória criadas pelo Governo Federal com escopo de nortear os docentes por meio de padronização de assuntos fundamentais a serem abordados em cada disciplina, isto é, trata-se da construção uma espécie de base única do conhecimento para o alunado, buscando garantir, assim, o exercício da cidadania dos educandos e a preparação para a vida profissional.

Os PCNs ajudaram a solucionar um problema enfrentado nas escolas com relação à autonomia docente, visto que a partir de 1997, quando foram elaborados pelo Ministério da Educação, os parâmetros abriram as portas para que os educadores pudessem adaptar o ensino de acordo com as particularidades regionais. Nesse sentido, os PCNs trouxeram para os professores de língua portuguesa uma nova concepção de língua, escrita e leitura, oferecendo aos docentes novas alternativas teóricas para a reorientação de práticas pedagógicas.

Nesse esteio entra a variedade linguística. O respeito à variedade passa a ser um fator abordado por todo o PCN de língua portuguesa, vejamos o que as novas orientações apontam:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da

forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p.31).

No mesmo sentido, convém destacar também o seguinte trecho do PCN:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades (BRASIL, 1998, p. 29).

Desse modo, nota-se que este documento reconhece a importância de empregar a ampliação de diferentes linguagens, sem a obrigatoriedade de que os alunos devem somente utilizar a norma-padrão como única e exclusiva variante da língua portuguesa brasileira.

Os Parâmetros Curriculares (PCN) propõem para o ensino de língua materna:

Uma nova abordagem que tem como propósito desenvolver e expandir a competência comunicativa dos usuários da língua, de modo a lhes garantir o emprego da Língua Portuguesa em diversas situações de comunicação, e produzindo e compreendendo textos que interagem com eles, cotidianamente, em situações diversas de interação comunicativa (BRASIL, 1998, p.34).

Os objetivos inseridos nos PCNs indicam que o discente é um indivíduo social que possui capacidade de interação em diferentes meios, e considerando que a linguagem tem papel fundamental nesse aspecto, a escola tem a função de ampliar o processo de diálogo que o ser presencia. Nesse ponto de vista, dominar a língua portuguesa e conhecer suas variações é fator crucial na inclusão do indivíduo na sociedade.

Desta maneira, propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais:

- Transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- Edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- Análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;

- Levantamento das marcas de variação linguísticas ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes;
- Elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
- Estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
- Comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
- Comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
- Comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
- Comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
- Comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
- Análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- Análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
- Análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional. (BRASIL, 1998, p.82-83).

Como supracitado, são várias as propostas dos PCNs que abordam o fenômeno da variação linguística. Desse modo, a escola deve acolher as propostas acima, utilizando das diferentes variedades linguísticas, cooperando para a suficiência discursiva estudantil.

Nesse sentido o que identificamos é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diversas variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais.

A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998 p. 29).

Nesse sentido, empregar as variedades linguísticas é utilizar com respeito os mais variados falares. O que não significa desrespeitar o ensino da língua culta, mas que saibam identificar a diversidade linguística existente em nosso país.

5. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: IMPORTÂNCIA PARA A REPRESENTATIVIDADE E INTERAÇÃO

O processo de trabalhar com o fenômeno variação linguística em sala de aula requer muitas reflexões por todo o conjunto escolar, sobretudo, os professores de língua portuguesa. A consciência da importância dessas variações traz consigo a transmissão de uma educação significativa em que educador e aluno não fiquem presos a uma norma-padrão.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguística é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão. (BAGNO, 1999, pp. 18-19).

É de fundamental importância que os profissionais propiciem aos alunos os mais variados meios de comunicação em sala de aula, respeitando a oralidade de cada um. Pois, a sua variedade linguística deve ser valorizada, sem deixar de lado a aprendizagem da variedade de prestígio. Nesse sentido, Bagno (2002) nos lembra que:

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (2002, p. 134).

Além do que destaca Bagno, é importante ressaltar, como afirma Bortoni – Ricardo (2005) que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (2005, p. 15).

Trabalhar a variação linguística em sala de aula, além de diminuir a presença do preconceito linguístico, promove um desenvolvimento no aluno referente à atribuição comunicativa em diferentes circunstâncias discursivas. Concordamos com Bagno em sua definição de preconceito linguístico, que consiste:

[...] na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, 'errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente' (BAGNO, 2006, p.40).

Ao concluir essas reflexões, é notável que quanto mais atentarmos para uma profunda compreensão da língua como um processo em constante mudança, mais estaremos aptos a valorizar as diversidades linguísticas existentes.

Em seguida, após evidenciar a importância do ensino da variação linguística em sala de aula, passamos à metodologia utilizada neste trabalho para investigação das hipóteses levantadas.

6. METODOLOGIA

Neste trabalho, conforme definem Marconi e Lakatos (2003), utilizamos a técnica de abordagem da pesquisa quantitativa, tendo em vista que a temática em tela já possui literatura acadêmica, isto é, não se trata de um assunto inédito na área. Também utilizamos a abordagem qualitativa, considerando que foi realizada uma análise interpretativa a partir dos exercícios e imagens presentes nos livros didáticos escolhidos.

Assim sendo, com o apoio teórico dos autores (as) que já discorreram sobre o tema, como Coelho (2007), Labov (1972) e Bortoni-Ricardo (2005), discutimos o conceito de variação linguística, como feito na Fundamentação Teórica.

Em seguida, realizamos a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs disponibilizados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 1997) e investigamos qual a abordagem utilizada nesses documentos nacionais no que se refere ao tema variação linguística. A escolha metodológica de realizar uma abordagem por meio dos PCNs se justifica pela sua vigência quando os livros selecionados para este estudo foram editados, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC foi aprovada em dezembro de 2018.

A partir desta análise sobre os PCNs, observamos como a variação linguística se materializa nos livros didáticos selecionados, a partir dos textos e exercícios empregados nessas obras que são trabalhadas cotidianamente em sala de aula.

Nesse aspecto, utilizaremos as obras “Português: linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2012), e “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018).

Ambas as obras são adotadas no 6º ano do Ensino Fundamental, conforme o PNL (Programa Nacional do Livro Didático), contudo, a primeira obra foi utilizada nos anos de 2014, 2015 e 2016 e a segunda está sendo utilizada atualmente, nos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023.

7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

7.1 Livro didático “Português: linguagens”, de Cereja e Magalhães

A apresentação dos autores Cereja e Magalhães (2012) em seu livro didático (LD) “Português: linguagens” faz uma abordagem que deixa claro que o livro foi escrito para o aluno curioso, mas também para aquele que gosta de aprender trabalhando individualmente ou em grupo, bem como para quem transita livremente entre diversas linguagens. Enfim, a apresentação tem foco em contribuir para a aprendizagem daqueles que desejam aprimorar sua capacidade de interagir com as pessoas e com o mundo em que vivem.

A partir de uma análise no sumário do livro, foi observado no capítulo 2, entre as páginas 36 a 45, os seguintes tópicos: a língua em foco; as variedades linguísticas; norma padrão e variedade de prestígio; variação linguística e preconceito social; falar bem é falar adequadamente; tipos de variação linguística; e as variedades linguísticas na construção do texto.

O LD abarca o conceito de variedade linguística como “as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada”. E que “além das variações resultantes de localização geográfica, uma língua pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como idade, profissão e grau de escolaridade” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 37).

Partindo para a norma-padrão e variedade linguística de prestígio, a norma-padrão é conceituada como “uma espécie de modelo de lei ou de ‘lei’ que normatiza o uso da língua, falada ou escrita”. Já as variedades urbanas de prestígio, sendo “também conhecidas como norma culta, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos, mais escolarizados e de renda alta”(CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 38). O LD aponta o

acesso às variedades de prestígio como questão de cidadania e deixa perceber que, através do seu uso, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas (CEREJA; MAGALHÃES, 2012).

No tocante a variação linguística e preconceito racial, os autores fazem um breve resumo do assunto e deixam a sugestão de assistir ao vídeo “O preconceito linguístico”, para os alunos terem acesso a conhecer a opinião de importantes linguistas brasileiros sobre o tema e os convidam a participar de uma pesquisa e discussão sobre o tema (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 38).

Mais à frente, o LD faz uma breve explicação sobre os tipos de variações linguísticas, como diferenças de lugar ou região, escolaridade e classe social, diferenças históricas, oralidade e escrita, formalidade e informalidade: graus de monitoramento, e gíria (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 38-42).

O LD utiliza tiras, imagens, canções e textos em seus exercícios que são compostas por falas diferenciadas da norma-padrão, mostrando diversas situações de variedades linguísticas, e como todas têm seu valor e importância.

Nesse sentido, passamos a analisar dois exercícios da obra em tela, que versam sobre o assunto variedade linguística.

Figura 1 - Exercício 1 sobre variedade linguística(LD 2012)

A língua em foco

▶ AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.

(Folha de S. Paulo, 3/8/2007)

- I. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - a) Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - b) Como provavelmente ela diria essas palavras?

36

2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
3. No 3º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que ela revela?
4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio?

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 36-37.

O exercício acima, ilustrado na figura 1, está presente nas páginas 36 e 37 do referido LD e aborda as variedades linguísticas a partir de uma tira de Fernando Gonsales, publicada na Folha de São Paulo.

A partir da imagem, os autores formulam quatro questões. A primeira questão, com itens “a” e “b”, pede que o aluno descreva quais as palavras presentes na tira que são a causa do estranhamento da mulher, isto é, que são diferentes da norma-padrão e em seguida, o item “b”, solicita que o aluno reescreva as mesmas palavras do modo que a mulher diria, ou seja, de acordo com a língua de prestígio.

A segunda questão, apesar de inserida no conteúdo da variedade linguística, utiliza apenas da interpretação textual dos alunos sobre o contexto da tira, de modo que os alunos necessitam acessar o conhecimento prévio, isto é, a leitura de mundo, para respondê-la.

A terceira questão, por sua vez, possui itens “a” e “b” e aborda o humor da tira por meio da relação entre o homem e o papagaio. Através da convivência entre o antigo dono e o papagaio, o aluno percebe que o animal escutava o antigo dono e acabou aprendendo a maneira como este falava, o que, do ponto de vista da mulher, é um problema.

No entanto, como sabemos, a variedade linguística também surge de contextos sociais e, conforme percebemos na tira, há dois grupos sociais distintos: o antigo dono do papagaio e o papagaio, que falam de maneira semelhante e desviam da norma-padrão; e o grupo da mulher, que provavelmente usa da língua de prestígio.

A quarta questão pergunta ao aluno qual a outra razão pela qual a mulher poderia querer devolver o papagaio ao seu antigo dono. O aluno responderia que a mulher iria devolver o papagaio para que as pessoas não pensassem que ela falava “errado”, tendo em vista que um papagaio reproduz tudo o que ouve.

A abordagem utilizada nesse exercício coloca em evidência o preconceito linguístico, visto que usa de um tom piadista sobre as variantes que são desprestigiadas,

neste caso uma variação social. Contudo, no decorrer do exercício há uma tentativa de desconstrução sobre os modos de falar.

Ressaltamos que a imagem do papagaio pode ser interpretada como uma crítica ao ensino mecanicista, que “conduz a uma aprendizagem insuficiente e limitativa, ao desinteresse e ao conseqüente insucesso dos alunos” (COSTA, 2000, p. 19), haja vista que trata-se de um animal que aprende por meio da repetição.

Nessa situação, a figura do professor é essencial para explicar o que é o preconceito linguístico, de modo que os alunos entendam que além da norma prestígio aplicada em sala de aula, existem outras variações linguísticas. Ou seja, o aprendizado repassado pelo professor servirá de exemplo para que o aluno não ridicularize ou inferiorize os falantes de variedades linguísticas divergentes do padrão aceito na sociedade.

Figura 2 - Exercício 2 sobre variedade linguística (LD 2012)


EXERCÍCIOS

O compositor Adoniran Barbosa retratou em suas canções alguns tipos populares que habitavam bairros italianos de São Paulo no século XX. Observe um trecho de uma de suas canções mais famosas (se possível, ouça-a no site <http://letras.terra.com.br/demonios-da-garoa/45444/>):

Saudosa maloca

Si o senhor não tá lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse edificio arto
Era uma casa veia
Um palacete assobradado
Foi aqui, seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construimos nossa maloca
Mais um dia
nóis nem pode se alembra
Veio os homi cas ferramentas
O dono mandô derrubá
Peguemos tudo as nossas coisa
E fumos pro meio da rua
Preciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada tauba que caía
Dua no coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei:
Os homi tá ca razão
Nóis arranja outro lugá
Só se conformemos quando o Joca falou:
“Deus dá o frio conforme o cobertô”
E hoje nós pega a paia nas grama do jardim
E pra esquecê nós cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida
Que ãim donde nós passemos dias feliz de nossa vida

(“Saudosa maloca”, de João Rubinato (Adoniran Barbosa) © 1955 by Imáns Vilele S. A. Indústria e Comércio. Todos os direitos reservados para todos os países.)



Oswaldo Junior/AE

Adoniran Barbosa

43

1. Na letra, o locutor lamenta o problema que ele e seus amigos estão enfrentando.

- Que tipo de problema enfrentam?
- Pela linguagem, qual é o provável perfil socioeconômico e cultural do locutor e de seus amigos?

2. Identifique no texto:

- duas palavras que se associam ao dialeto caipira;
- variação linguística ocasionada por baixa escolaridade;
- exemplos da língua oral informal.

3. Uma letra de música é uma obra de criação artística e nem sempre corresponde à realidade linguística. Observe estes versos da canção:

Foi aqui, seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca

O emprego da palavra **construímos** é condizente com o perfil sociocultural da personagem que canta a canção? Justifique sua resposta.

4. Passe alguns versos da canção para a norma-padrão e compare-os à canção original. Ela ainda continuaria tendo a mesma expressividade na norma-padrão? Por quê?

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 43-44.

O exercício acima, ilustrado na figura 2, está presente nas páginas 43 e 44 do citado LD e retrata as variedades linguísticas a partir de uma canção escrita pelo compositor Adoniran Barbosa, intitulada “Saudosa maloca”.

A partir da canção, os autores formulam quatro questões. A primeira questão possui itens “a” e “b”. Na letra “a”, há uma questão de interpretação de texto sobre os populares que habitavam a “maloca” e o problema que enfrentam. No item “b”, trata-se de uma abordagem do perfil socioeconômico e cultural do locutor e seus amigos, em que o aluno poderá observar os falantes com baixa escolaridade, pobres e menos prestigiados dentro do contexto de São Paulo no século XX.

A segunda questão solicita que o aluno catalogue diferentes tipos de variação linguística a partir da canção, como o dialeto caipira (variedade regional); aquela ocasionada por baixa escolaridade (variação social); e a língua oral informal (norma não-padrão da língua). É perceptível que a ideia central dos autores é que os alunos busquem analisar e reescrever palavras contidas no texto, bem como conhecer os diferentes tipos de falares.

A terceira questão, que emprega a palavra “construímos”, presente em um trecho da canção, retrata um momento de formalidade que destoa do restante da obra, tendo em vista que a palavra não condiz com o perfil sociocultural da personagem que canta a canção. Nesse sentido, é preciso que o aluno perceba que apesar de ser uma canção com uma construção informal, há traços de formalidade dentro do texto.

A quarta questão trata da expressividade da canção, que muda a partir do momento em que o aluno transforma as palavras de acordo com a norma-padrão. O sentido da canção é trazer uma personagem de perfil sociocultural de classe social desfavorecida e de

baixa escolaridade, associados a um dialeto caipira, desse modo, ao alterar para a norma-padrão, a obra perderia toda a expressividade que possui com o uso da norma não-padrão.

Após analisar o livro didático de Cereja e Magalhães, passamos a observar a obra de Ormundo e Siniscalchi.

7.2 Livro didático “Se liga na Língua”, de Ormundo e Siniscalchi

A apresentação dos autores Ormundo e Siniscalchi (2018) em seu livro didático (LD) “Se liga na Língua”, demonstra a busca por algo mais interessante para os alunos. Entrevistas, seminários, textos como blogs, tirinhas de autores novos, obras de arte (cinema, teatro, documentário, vídeos) estão presentes nessa obra a fim de uma aprendizagem relacionada ao complexo universo que a linguagem portuguesa possui.

A partir de uma análise no sumário do livro, foi observado no capítulo 2, entre as páginas 63 a 71, os seguintes tópicos: a língua varia, preconceito linguístico, e a língua varia na prática. Nas páginas citadas, para abordar a temática da variação linguística em diversas situações, os autores utilizam anúncios, tiras, cartuns, uma cena de animação, uma canção e uma notícia.

O livro abarca o conceito variedade linguística como

um fenômeno que ocorre em todas as línguas. A língua sofre mudanças conforme o tempo passa e em razão do contato com outras línguas. As particularidades de cada falante, como sua idade e nível. Além disso, a língua também é empregada de modo diferente em situações que exigem maior e menor formalidade (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 65).

Os autores também abordam os conceitos de variedade urbana de prestígio e norma-padrão. Conforme a obra, as variedades urbanas de prestígio consistem naquelas “empregadas pelas pessoas que usufruem de maior prestígio cultural e social” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018 p. 65).

Por sua vez, a norma-padrão é descrita como

um modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Ela é apenas uma referência, já que, no uso cotidiano da língua, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais. Até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que têm mais contato com essa norma, optam por outras construções em situações informais (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018 p. 65).

No entanto, apesar de existir um tópico voltado ao tema preconceito linguístico, pouco é falado sobre esse fenômeno, tendo em vista que sequer foi conceituado. Na realidade, na obra, os autores dão ênfase apenas às variedades urbanas de prestígio, utilizando exemplos e imagens.

Figura 3 - Exercício 1 sobre variação linguística (LD 2018)

A língua varia NA PRÁTICA

1 Veja um anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940. Ele exemplifica a **variação histórica** da língua, ou seja, as mudanças que ocorrem com a passagem do tempo.

REPRODUÇÃO



3. Revista O Cruzeiro (RJ) - 11-10-1941

a) Que termo também era usado naquela época para *creme dental*?

b) Identifique no anúncio as palavras que antigamente eram escritas de maneira diferente da de hoje e atualize-as.

c) Que qualidades do produto foram destacadas?

d) Esse anúncio revela que a passagem do tempo não altera apenas a língua. Que outros aspectos também sofreram mudança?

Fonte: ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p.66.

O exercício acima, ilustrado na figura 3, está presente na página 66 do citado LD e retrata as variedades linguísticas a partir um anúncio de um creme dental dos anos 1940, publicado na revista “O Cruzeiro” (RJ).

São quatro questões, distribuídas em itens “a”, “b”, “c” e “d”. No primeiro item, os autores buscam apresentar uma palavra que sofreu uma mudança em sua nomeação com o decorrer do tempo, exemplificando uma variação histórica.

No item “b”, os autores solicitam que o aluno identifique palavras que anteriormente eram usadas e reescrevam de acordo com a escrita atual (norma-padrão).

No item “c”, há uma simples interpretação de texto sobre as qualidades do produto. Por sua vez, o item “d” diz respeito às mudanças visuais presentes no anúncio e que hoje não são mais utilizadas.

Percebemos que os autores dão ênfase na interpretação textual, deixando um pouco de lado a questão da variedade linguística, que deveria ser a temática central do exercício.

Figura 4 - Exercício 2 sobre variação linguística (LD 2018)

2 A animação *Tá dando onda* conta a história do pinguim Cadu, que deixa a Antártida para participar de um torneio de surfe em busca de fama. A seguir, você vai ler a transcrição de um trecho da animação em que Cadu, após se arriscar em uma onda enorme, é resgatado, recebe autorização para participar do torneio e conhece João Frango, que se tornará um grande amigo. Leia o diálogo, prestando atenção à linguagem utilizada pelos personagens.

.....

João Frango: Tê pegamos, te pegamos. Tu é mais pesado que boi na ladeira, hein? U-hu! Nada como trabalho em equipe. Prazer! João Frango, brou!

Cadu: Valeu, João.

[...]

Cadu: Meu nome é Cadu Maverick, do Frio de Janeiro. E tu?

João Frango: Não. Não sou do Frio de Janeiro, não.

Cadu: Ah... Tu é de onde?

João Frango: Eu sou do Pantanal Matogrossense, lá do Brasil. É lá que eu surfo. Eu era o único que surfava na região, e as pessoas me achavam meio doido, mas eu me acostumei.

Cadu: Eu sei como é isso, cara.

João Frango: Sabe?

Cadu: Sei.

João Frango: Irado!

(João Frango é arremessado ao alto por uma onda)

João Frango: U-hu-hu! Mó visual, maninho!

[...]

Tá dando onda. Direção: Chris Buck e Ash Brannon. Columbia Pictures, Sony Pictures Animation. EUA, 2007. DVD (85 min).

.....

a) A amizade entre Cadu e João Frango nasce de uma experiência de vida que ambos tiveram. Qual?

b) O nome “Frio de Janeiro” é uma brincadeira. Por que a palavra *Rio* foi trocada por *Frio*?

c) A caracterização dos personagens como surfistas inclui o uso de muitas gírias utilizadas por esse grupo social. Transcreva exemplos usados para fazer referência ao interlocutor.

d) Em que situações costuma ser empregada a expressão *u-hu*? Que outra palavra do texto tem o mesmo sentido dela?

67

O exercício acima, ilustrado na figura 4, está presente na página 67 do citado LD e retrata as variedades linguísticas a partir um trecho de um diálogo em uma cena da animação intitulada “Tá dando onda” (2007).

O exercício possui quatro itens “a”, “b”, “c” e “d”. O item “a” é uma simples questão de interpretação de texto, que não condiz com a temática central da variação linguística. O item “b” também consiste em uma questão de interpretação de texto sobre um trocadilho.

Por sua vez, no item “c” podemos notar o aspecto da variação linguística no tocante às gírias, os autores solicitando que o aluno faça uma observação e a transcrição das gírias encontradas ao longo do texto. No item “d”, é preciso que os alunos encontrem um sinônimo da expressão “u-hu”. Nesse sentido, os autores buscam apresentar as mais variadas gírias.

A partir das análises acima expostas para as obras “Português: linguagens”, de Cereja e Magalhães (2012), e “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2018), observamos que apesar de esperarmos que a obra mais antiga (2012) retratasse menos a questão central da variação linguística, na verdade, o LD mais recente (2018) trata o tema com pouca atenção, tendo em vista que o LD de Cereja e Magalhães aborda com mais densidade a temática, tanto em número de páginas como tópicos mais bem elaborados e exercícios completos.

Observamos que os exercícios presentes nas obras se aplicam ao paradigma da *cor cavalo branco* apresentado por Marcushi, visto que esse tipo de questão abarca perguntas que “são auto-respondidas pela própria formulação” (MARCUSCHI, 2008, p. 271). Diz o autor que:

[...] tudo indica que a questão acha-se ligada em especial à ausência de reflexão crítica em sala de aula. Pois, o trabalho com a compreensão dentro de um paradigma que se ocupa com a interpretação e análise mais aprofundada exige que se reflita e discuta o tema e isto não é uma prática comum em sala de aula (MARCUSCHI, 2008, p. 270).

Deste modo, o autor nota que diversas questões de interpretação de texto indicam a resposta no próprio enunciado, de maneira que o discente sequer tem o trabalho de refletir sobre a atividade.

Em síntese, a obra de Ormundo e Siniscalchi (2018) não atingiu as expectativas esperadas apesar de ser um livro mais moderno em comparação ao LD anterior, de Cereja e Magalhães (2012), pois alguns conceitos são abordados de maneira rasa e outros sequer

são mencionados, como o preconceito linguístico. Entendemos que seria interessante que os autores dessem uma atenção especial ao tema, com conceitos mais bem elaborados e exercícios voltados ao assunto, visto que a maioria das questões aborda uma mera interpretação de texto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi perscrutar o tratamento da variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º Ano Fundamental II, por meio de uma análise aprofundada sobre questões sociolinguísticas dentro do âmbito educacional.

Para isso, empregamos o aporte teórico de Coelho (2007), Labov (1972) e Bortoni-Ricardo (2005), para discutir o conceito de variação linguística, que consiste nos aspectos da língua que podem ser descritos através da variação conforme região, idade, sexo, status social, etc. Desta maneira, a variação linguística é de fundamental importância e merece notoriedade no âmbito da linguagem, estando sempre presente nas relações sociais em qualquer período por tratar-se de um aspecto constitutivo de línguas.

Em seguida, analisamos os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998) publicados pelo MEC e notamos que esse documento de observância não-obrigatória indica as maneiras de explorar a variedade linguística em sala de aula, portanto, os docentes podem acolher as propostas elencadas no PCN, utilizando os diferentes falares com o objetivo de ampliar a suficiência discursiva estudantil.

Posteriormente, tratamos da variação linguística em sala de aula e a sua importância para a representatividade e interação entre os alunos e verificamos que trabalhar a temática na escola diminui a presença do preconceito linguístico e fomenta o desenvolvimento do aluno referente à atribuição comunicativa em diferentes circunstâncias discursivas.

Após a análise teórica, partimos para a investigação qualitativa das obras “Português: linguagens”, de Cereja e Magalhães (2012), e “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Ormundo e Siniscalchi (2018). A partir desses livros didáticos, notamos que o livro mais antigo (2012) aborda com mais densidade a temática. Por sua vez, o LD mais recente (2018) trata o tema com pouca atenção.

Dessa maneira, notamos que o livro didático mais recente aborda pouco o tema, e então nos perguntamos: seria isso resultado de uma onda de mudanças no tratamento da educação pelo Governo Federal diante dos inúmeros retrocessos experimentados na área da

educação em nosso país? Esse questionamento deve ser investigado com mais afinco pelos pesquisadores de Língua Portuguesa, tendo em vista que este trabalho é inconclusivo, apesar de servir de fomento para mais produções acadêmicas.

Percebe-se também que por trás desse preconceito com as outras variações linguísticas, há um preconceito social que abrange a raça, a cor, a sexualidade e que considera a questão financeira como um atributo para um alto grau de relevância na sociedade, ou seja, são preconceitos “materializados pela linguagem” (LEITE, 2008, p. 17).

O que podemos notar é que a elite letrada utiliza do poder ao tentar impor a gramática normativa como língua única e exclusiva na sociedade, menosprezando os falantes e as variantes linguísticas por considerá-las erradas. Porém, levando em consideração a nossa cultura, nossa história e compreendendo socialmente essas variações, dá-se o direito de fala a todos, sem nenhum tipo de preconceito, seja ele linguístico ou racial.

Em vista do exposto, diante de todas as reflexões abordadas ao longo deste trabalho, é notável que quanto mais atentarmos para uma profunda compreensão da língua como um processo em constante mudança, mais estaremos aptos a valorizar as diversidades linguísticas existentes, abrindo caminhos para uma educação inclusiva e livre de preconceitos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcos Aurélio Coura de; CAMPOS, Luiz Carlos de Sá. Variação linguística no Brasil: a importância da escola e corpo docente no desenvolvimento das práticas educacionais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 06, Vol. 03, pp. 153-173.2021. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/praticas-educacionais>>. Acesso em 09 dez 2021.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S.M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. 2 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica MEC/SEB/FNDE, 2011a.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**, 6º ano. – 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2007.

COSTA, José Antônio Marques. Educação em ciências: novas orientações. **Millenium**, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/921/1/Educa%20em%20ciencias.pdf>>. Acesso em 09 dez 2021.

LABOV, William. **Sociolinguistic pattern**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/694/381>>. Acesso em 09 dez 2021.

LOPES, Maria Ailma Ferreira; DA SILVA CAVALCANTE, Maria Auxiliadora. **A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf>. Acesso em 08 dez 2021.

MACIEL, Lorraine de Souza. **O preconceito linguístico e sua relação com a aprendizagem de alunos do 7º ano**. Monografia. Brasília, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual análise de gêneros e compreensão**. 3ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

REDE GLOBO. **Brasil é o 9º maior mercado de livros graças à compra de material didático**. [on-line]. 2013. Disponível em:
<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/noticia/2013/04/brasil-e-o-9-maior-mercado-de-livros-gracas-compra-de-material-didatico.html>. Acesso em 22 out. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SOBRAL, Paula Oliveira. Escrita: um sistema lingüístico. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em:
http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_escrita_um_sistema_linguistico.pdf. Acesso 08 dez 2021.